

## Editorial

Andréa Pereira Cerqueira  
Thiago Aguiar de Pádua

**Desleituras**

ISSN 2764-006X — Número 15 - jan. | fev. 2026

Há momentos históricos em que a realidade parece ultrapassar nossa capacidade de compreendê-la. Nesses períodos, as palavras se tornam frágeis e, ao mesmo tempo, indispensáveis. A coletânea *Literatura e Humanidades: narrativas em tempos de incerteza* nasce justamente dessa tensão: do reconhecimento de que o mundo contemporâneo se apresenta como um emaranhado de crises, mas também da convicção de que a literatura continua sendo um dos espaços privilegiados para pensar o humano quando ele vacila.

Este livro é, antes de tudo, um gesto de confiança na força das narrativas. Confiança de que contar e interpretar histórias ainda pode ser uma forma de resistência simbólica; de que a leitura crítica ainda é capaz de abrir fendas no discurso dominante; de que a imaginação literária ainda possui potência para reinventar sentidos onde o presente parece esvaziá-los. Em meio a um tempo que privilegia respostas rápidas e certezas frágeis, os textos aqui reunidos apostam na demora do pensamento e na complexidade da escuta.

Vivemos sob o impacto de transformações que atravessam todas as esferas da vida: mudanças climáticas que ameaçam ecossistemas inteiros, novas tecnologias que redesenham relações afetivas e profissionais, tensões políticas que desafiam as bases da democracia, discursos de ódio que corroem a empatia social. Diante desse cenário, as humanidades frequentemente são convocadas a justificar sua utilidade. Esta coletânea responde a tal exigência de outra maneira: não defendendo a literatura por sua eficiência, mas por sua necessidade ética e estética.

A literatura não resolve problemas imediatos. E é justamente por isso que ela é essencial. Enquanto outros discursos prometem soluções, as narrativas nos ensinam a conviver com perguntas. Elas revelam que a experiência humana não cabe em fórmulas, que o sofrimento não se traduz em estatísticas, que a esperança não se reduz a slogans. Cada artigo aqui presente parte dessa compreensão: a de que o texto literário é um espaço onde o humano pode ser pensado em sua inteireza contraditória.

Os ensaios reunidos nesta obra percorrem múltiplos caminhos para afirmar essa potência. Alguns deles retornam a obras clássicas e contemporâneas para mostrar como a poesia e a narrativa têm sido, ao longo do tempo, instrumentos de denúncia contra a indiferença moral. Ao aproximar tradições aparentemente distantes, revelam que a literatura estabelece diálogos improváveis entre séculos, culturas e linguagens, lembrando-nos de que a sensibilidade humana possui uma história compartilhada.

Outros textos se dedicam a imaginar cidades possíveis e sociedades alternativas, interrogando o peso do patriarcado, das hierarquias e das exclusões que moldaram nosso passado e ainda assombram o presente. Essas reflexões resgatam a dimensão utópica da literatura: sua capacidade de projetar mundos outros, de desnaturalizar estruturas de poder, de fazer do sonho um instrumento crítico. A utopia, aqui, não surge como fuga da realidade, mas como método de transformá-la.

Há trabalhos que investigam as formas contemporâneas de dominação simbólica e afetiva, revelando como discursos aparentemente emancipatórios podem esconder novas modalidades de violência. Em diálogo com narrativas ficcionais, esses estudos demonstram que a literatura possui uma aguda sensibilidade para desmascarar mecanismos de controle que muitas vezes passam despercebidos no cotidiano. Ela ilumina aquilo que a normalidade tenta tornar invisível.

A coletânea também acolhe reflexões sobre a memória, tema central para compreender tempos de incerteza. Alguns ensaios exploram como lembranças individuais e coletivas se inscrevem em objetos, gestos e narrativas, construindo identidades e pertencimentos. Outros examinam de que modo o passado retorna sob a forma de trauma, exigindo novas linguagens para ser elaborado. Nesses textos, a literatura aparece como guardiã de experiências que a história oficial tende a silenciar.

Em vários momentos, o leitor encontrará análises que aproximam literatura e ecologia, evidenciando como as narrativas registram as marcas do antropoceno e as tensões entre

humanidade e natureza. Ao revisitarem paisagens amazônicas, sertanejas e urbanas, tais estudos mostram que o espaço literário é também um espaço político, onde se debatem modos de habitar o planeta e de imaginar futuros sustentáveis. A crise ambiental, longe de ser apenas tema científico, revela-se como problema profundamente narrativo.

Outras contribuições se voltam para o encontro com a alteridade cultural, investigando como o contato com o estranho e o estrangeiro desestabiliza certezas ocidentais. Esses ensaios problematizam as fronteiras entre o eu e o outro, entre centro e periferia, entre tradição e invenção, sugerindo que a literatura é um exercício permanente de deslocamento. Ler torna-se, assim, uma forma de desaprender preconceitos e de ampliar horizontes.

Não faltam, nesta obra, reflexões sobre o lugar do criador na era digital. A indústria cultural, as plataformas de streaming, os algoritmos e a automação criativa são analisados como novos desafios éticos para escritores, músicos e artistas. Ao discutir a precarização do trabalho simbólico e as formas contemporâneas de silenciamento, esses textos lembram que a luta pela imaginação crítica é também uma luta política.

Há ainda estudos que examinam a condição do sujeito marginal, errante e desamparado nas narrativas contemporâneas, revelando como a ficção expõe as falhas do Estado e as fraturas da cidadania. Outros investigam a potência da literatura infantil e juvenil para tratar do trauma e do silêncio, demonstrando que mesmo os leitores mais jovens podem ser convocados a enfrentar as dores do mundo com sensibilidade e coragem.

Encontram-se também reflexões sobre o afeto como força desorganizadora, sobre a espera como forma de resistência, sobre o amor como acontecimento que reconfigura a existência. Tais ensaios revelam a literatura como espaço privilegiado para pensar a ética das relações humanas, lembrando-nos de que nenhuma teoria substitui a experiência concreta do encontro com o outro.

A coletânea também se abre para ensaios de fôlego ensaístico que dialogam com a tradição cultural brasileira em chave inventiva e crítica. Nesse horizonte, a reflexão sobre o tropicalismo e suas reverberações aparece como exercício de leitura que cruza literatura, música, filosofia e imaginário social. Ao revisitar mitologias estéticas, figuras emblemáticas e experimentações formais, tais textos recordam que a cultura brasileira sempre se construiu por meio de hibridismos, ironias e deslocamentos. O gesto tropicalista, irreverente, fragmentário e provocador, surge aqui como metáfora de um pensamento que recusa fronteiras rígidas entre gêneros e saberes, reafirmando a literatura como espaço de liberdade criativa e de reinvenção crítica do país.

Além desses eixos, a obra abriga investigações que interrogam o próprio estatuto da narrativa como forma de conhecimento. Alguns estudos discutem a intertextualidade, o descentramento do sujeito e as novas configurações do romance contemporâneo, mostrando como a literatura experimenta modos de dizer que desafiam a linearidade e a unidade identitária. Outros voltam-se para a relação entre estética e ética, analisando como a forma literária se torna lugar de elaboração filosófica e de reflexão sobre a dignidade humana. Essas abordagens recordam que cada escolha formal é também uma tomada de posição diante do mundo.

Somam-se a isso ensaios que exploram o diálogo entre diferentes linguagens artísticas e tradições culturais, aproximando a literatura da música, do cinema, da filosofia e das artes visuais. Ao fazê-lo, demonstram que as narrativas não pertencem a um campo isolado, mas participam de uma rede ampla de discursos e sensibilidades. Essa abertura interdisciplinar reafirma a literatura como espaço de mediação entre saberes, onde o pensamento crítico se enriquece ao atravessar fronteiras e a imaginação se amplia ao encontrar o diverso.

Essa diversidade temática não é acidental. Ela reflete a convicção de que as humanidades são, por natureza, um campo plural e indisciplinado. A literatura dialoga aqui com o direito, com a filosofia, com a sociologia, com a psicologia, com a

história, com a ecologia. Em cada diálogo, revela-se que pensar o humano exige múltiplas lentes e que nenhuma disciplina, sozinha, dá conta da complexidade do presente.

Se fosse necessário nomear o espírito que atravessa toda a coletânea, poderíamos chamá-lo de ética da atenção. Atenção ao sofrimento que a pressa social prefere ignorar; atenção às vozes que a história oficial tenta calar; atenção às ambiguidades que os discursos simplificadores desejam apagar. A literatura, neste livro, é compreendida como uma escola dessa atenção, uma pedagogia do olhar e da escuta.

Em tempos de incerteza, há quem procure refúgio em verdades rígidas. Esta obra propõe outro caminho: o da convivência com a dúvida produtiva, com o conflito interpretativo, com a abertura ao inesperado. Cada ensaio aqui reunido é uma pequena aposta na ideia de que pensar criticamente ainda vale a pena; de que ler com profundidade ainda é um gesto político; de que a imaginação continua sendo uma forma de liberdade.

Neste número, cuidamos para que estas páginas possam funcionar como um lugar de encontro entre saberes, afetos e inquietações. Que elas recordem que a literatura não é luxo nem ornamento, mas uma das maneiras mais profundas de cuidar do humano. E que, ao final da leitura, cada um possa sair um pouco mais atento ao mundo, e talvez um pouco mais disposto a reinventá-lo. Porque, enquanto houver narrativas capazes de nos comover e de nos fazer pensar, ainda haverá futuro para as humanidades.

## Os editores